

ASPECTOS SIMBÓLICOS DO MITO DE APARECIDA

LUCY PENNA, Ph.D.

ABSTRACT OU RESUMO

O mito de Nossa Senhora Aparecida é avaliado através da psicologia analítica, esboçando um contexto de possibilidades para a interpretação dos símbolos arquetípicos presentes. A pesquisa considera o culto de Aparecida como pertencente ao conjunto de devoções milenares à Madona Negra, um arquétipo com características marcantes na psique arcaica da humanidade. Analisa a tendência a ignorar a negritude da imagem tomando-a como fenômeno apenas visual, o que reduz o significado mais profundo do símbolo. A abordagem da psicologia analítica sugere que é necessário acolher a Madona Negra em toda a sua intensidade simbólica para que a concretude da vida humana material conviva em paz com os dons do espírito.

A missão dos símbolos religiosos é dar sentido à vida humana

Carl Gustav Jung

O crescimento dos cultos de Nossa Senhora de Nazaré na Amazônia e de Nossa Senhora da Conceição Aparecida no sudeste indicam o retorno do arquétipo da Madona Negra ao foco da consciência coletiva no Brasil. Esta pesquisa avalia a correlação entre esse arquétipo e a necessidade contemporânea de reconciliar as condições materiais da vida, como por exemplo, a sexualidade com a espiritualidade. O momento atual coincide também com a crescente emancipação da mulher através da educação, da igualdade de direitos, a aceitação do divórcio, do controle da gravidez, bem como a discussão sobre o aborto e a maior liberdade de escolha sexual. A força desse arquétipo também teria um papel na motivação para iniciativas políticas em favor da liberdade e da integridade, inspirando a luta pela igualdade dos grupos étnicos marginalizados, pela não-violência, ao mesmo tempo que contraria a violação da justiça e o abuso dos seres não-humanos sob qualquer forma.

Em meados do século passado, na Polônia, ocorreu uma provável influência da devoção à Madona Negra na evolução política das classes operárias lutando por direitos de igualdade social. A ligação dos membros do sindicato Solidariedade com a Madona Negra de Czestochowa, a Rainha da Polônia, era pública e notória. O movimento pelos direitos humanos elegeu um Presidente no país, Lech Walesa, chamado “operário da paz e da liberdade” e detentor do Prêmio Nobel da Paz de 1983. O poder espiritual da Madona de Czestochowa também foi divulgado por Karol Josef Wojtyla, que como Papa João Paulo II voltou inúmeras vezes ao seu santuário.

Mas, o que significa o arquétipo da Madona Negra? Quando falamos em arquétipos, devemos lembrar em primeiro lugar que qualquer afirmação é apenas um ponto de vista limitado, relativo à consciência que se tem dos valores atribuídos ao conteúdo das imagens arquetípicas em dado momento histórico. O único modo de descrever as imagens arquetípicas que chegam à consciência é através de pares de opostos simbólicos. É dessa forma ambígua e dualista que os arquétipos tornam-se visíveis para a consciência, embora supõe-se que em si mesmo, um arquétipo seja uma unidade metafísica. Não conhecemos os arquétipos, que são os órgãos profundos da psique, mas temos acesso às imagens arquetípicas que afloram no consciente. O psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875 -1961) referia-se aos arquétipos como se fossem uma “anatomia comparada da psique” constituindo o nível em que os seres humanos compartilham os conteúdos básicos da espécie. Assim como a biologia pressupõe a existência do instinto como base dos comportamentos ditos instintivos, também os arquétipos são como órgãos da psique que servem ao processo adaptativo do ser humano.

Os arquétipos são sistemas vivos de reação e prontidão formados por toda a vivência humana passada na face da Terra e dizem respeito às grandes experiências comuns em qualquer tempo e lugar, tais como nascimento e morte, doenças, medo e prazer, sexualidade, gravidez e parto, luta pela sobrevivência, procura do conhecimento, entre outros temas. Os arquétipos não se propagam pela tradição, ou através da linguagem e da migração, mas podem renascer espontaneamente em qualquer lugar e tempo. Portanto, é a condição estrutural da psique, que sob determinadas condições internas e externas é capaz de formar imagens arquetípicas.

. “Os arquétipos não são imagens herdadas, mas a possibilidade herdada de idéias” resume Jolande Jacobi, (1986, p. 59) esclarecendo que o conceito junguiano não diz respeito à transmissão hereditária de caracteres adquiridos. Segue-se que quando falamos dos arquétipos usamos de linguagem comparativa e estamos sempre comparando pares de contrários. Para falar do arquétipo da Terra, por exemplo, estamos também inevitavelmente nos referindo ao arquétipo do Céu, expõe Erich Neumann:

É a intervenção da mente consciente que separa o Céu da Terra, e só depois que nós próprios tomamos nas mãos esta separação entre aquilo que está em cima e aquilo que está embaixo a coordenação é válida: de acordo com ela, o Céu está arquetipicamente ligado ao simbolismo daquilo que está acima, e que é leve, claro, masculino e ativo, enquanto a Terra está associada com aquilo que está abaixo e é pesado, escuro, feminino e passivo. (Neumann, 2000 p.162)

As principais fontes iniciais de informação relativas às Virgens Negras são livros franceses que se limitam quase exclusivamente ao catálogo das imagens que estão naquele país, com algumas referências a imagens de fora, tais como de Einsiedeln. A idéia apresentada é que existe uma continuidade iconográfica e de culto entre as divindades pagãs e as Virgens Negras (Durand-Lefèbvre, 1937) A abordagem de Gustafson (1973) sobre a Madona Negra de Einsiedeln inovou por abordar o tema através da psicologia analítica.

Os últimos quinze anos do século passado viram crescer o interesse pelo culto das Virgens Negras, despertando a atenção de pesquisadores que mencionam o fato através de inúmeros artigos, condensados na obra clássica de Begg (1985) onde se observa que o culto das Madonas Negras criou inúmeros centros de peregrinação desde o passado remoto. Mas ocorreu uma perda no poder de atração e no entusiasmo dos devotos quando substituíram a cor preta das imagens. Outro fator importante na avaliação dos cultos é o registro histórico imperfeito. As devoções atuais quase sempre começaram em períodos do passado em que não se tinha o hábito de anotar o nome das imagens milagrosas, bem como as datas dos milagres a elas atribuídos. Durante os últimos séculos as capitais européias e seus vilarejos foram campo de guerras que causaram a destruição de antigos centros devocionais onde esses cultos se realizavam. O autor pesquisou cerca de 450 imagens que são atualmente objeto de culto no mundo todo, mesmo assim é um número bastante relativo porque não inclui as imagens da África, do litoral mediterrâneo e outras que não teve conhecimento na ocasião. *“Se é verdadeiro que uma boa proporção das Madonas miraculosas do mundo são negras, porque esse fenômeno é tão pouco estudado e por que razão?”*, admira-se Ean Begg (1985, p.1)

A questão é de valor também para as condições do culto às Madonas Negras no Brasil, entre as quais as devoções cristãs mais populares são as de Aparecida e Nazaré e a de Monteserrat, de origem espanhola. Além das virgens católicas, coexistem na devoção nacional as variantes afrobrasileiras da Madona Negra, entre as quais Yemanjá e Oxum são bem conhecidas por sua assimilação com as santas católicas. As associações entre quatro manifestações do arquétipo no solo brasileiro foram objeto de análise anterior, onde esbocei as tendências mais visíveis no imaginário popular (Penna, 1996). Sem pretender estender-me na pesquisa de obras correlacionadas na literatura, faço agora apenas uma avaliação limitada do alcance psicológico do mito onde pretendo aprofundar a experiência viva do símbolo da Madona Negra de Aparecida e as conseqüências que ele parece trazer para psicologia coletiva brasileira.

A palavra italiana ‘madona’, que significa “minha dona” ou “senhora” é de origem latina tem fácil pronúncia em várias línguas o que facilita a sua divulgação e o amplo alcance emocional ligado à figura materna. Uma famosa cantora contemporânea a escolheu como apelido artístico pretendendo associar-se ao poder evocativo da força feminina no inconsciente dos fãs. A palavra ‘virgem’ tem outras conotações, tais como pureza, simplicidade, juventude. Está ligada a um passado remoto em que os mitos contam sobre mulheres que eram autônomas, donas de si mesma, senhoras do seu destino. Um privilégio raro para poucas que foram sacerdotisas, ou iniciadas, das deusas virgens, tais como Cybele e Ártemis.

O poder das virgens é aclamado pelas ordens religiosas desde a Antiguidade, que as escolhem como pessoas eleitas pelos deuses para viverem retiradas do mundo, instruindo-as nos segredos da tradição. São reservadas para o serviço aos deuses e, não raro, também funcionam como consortes da realeza, e até mesmo de membros do clero porque seriam mais

capazes do que as outras mulheres para gerar uma descendência “limpa e pura”. Uma prole que se esperaria estivesse apta a governar com mais inteligência e retidão de caráter. Assim, a conotação da fertilidade da terra limpa e o significado sacro atribuído ao corpo da mulher era um segredo guardado através dos guardiões dos mistérios herméticos abertos apenas à minoria de iniciados nas tradições espirituais. Percebidas como elite feminina, tais mulheres eram ‘virgens’ porque não pertenciam a homem nenhum, mas a Deus, ou aos deuses. Então a conotação do termo ‘virgindade’ era outra até os primeiros séculos do cristianismo, depois do que passou a significar a ausência de contato sexual com o homem, o que foi personificado em Maria, através do dogma da Imaculada Conceção.

As Nossas Senhoras católicas continuam esta tradição, isto é, são virgens assexuadas, sem corpo, com uma aura de maternidade espiritualizada que difere bastante das formas antigas. No caso das Madonas Negras, entretanto, a aproximação com a força da vida é tão forte e o vigor do instinto retorna com uma tal dignidade que as reduções que aconteceram nos símbolos deste mito não foram suficientes para matar a luz que se irradiou no singular parto realizado por três humildes trabalhadores. O fato de ser um mito relativamente jovem (originado provavelmente em 1717) permite ainda o acesso às condições históricas e sociais originais, abrindo-se questões sobre o significado da aparição, crescimento e transformações sofridas pelo mito de Aparecida. Neste ensaio analisaremos os aspectos da cor, do nascimento nas águas do rio e da mutilação original na imagem da santa. Outros aspectos importantes, tais como os atentados que ela sofreu recentemente, serão objeto de estudo posterior.

O símbolo da cor

A cor preta da Madona é a noite, o mistério infindável que contemplamos no céu. Ela nos recorda o início dos tempos quando os ancestrais se abraçavam encolhidos dentro do abrigo nas cavernas paleolíticas, para exorcizar o frio e o medo que assaltava mais forte no escuro das longas noites de inverno. Ela é a matéria prima da vida jorrando das rochas incandescentes expulsa em partos vulcânicos gigantescos do ventre de Gaia. A emoção e o ímpeto estão eternamente associados à negritude e ao feminino no DNA da espécie humana.

Quando uma mulher percebe seu ímpeto procriador e o aceita, seu ventre também se estufa, treme, e termina por expelir do escuro recesso um ser de luz entre rios vermelhos e quentes. Há vários momentos em que uma mulher experimenta instintivamente a proximidade do arquétipo da Madona Negra e o parto é uma dessas ocasiões. Se o parto é natural, mais forte ainda se revela o empoderamento da mulher, pela conexão com a força telúrica que vem da Madona Negra dentro dela. Também durante o orgasmo a mulher alcança uma revelação extraordinária, ainda que assustadora. Ela se encontra com seu instinto de fêmea e, se souber expandi-lo, terá à sua disposição o conhecimento das leões, das garças, das serpentes, das éguas, porque todas as fêmeas vivas compartilham a energia dessa força que tem sido conhecida através do arquétipo da Madona Negra.

A energia telúrica do feminino se manifesta ao homem através das mulheres com quem ele se relaciona. No amor de sua mãe, no abraço com suas irmãs e amigas, na admiração pela maternidade, na reverência ao mistério do amor conjugal um homem sensível encontra em si mesmo a Madona Negra. E a conexão interior com ela pode abrir sua dimensão transcultural, que vê além dos limites do seu gênero e de sua espécie. Através desse arquétipo, um homem torna-se capaz de empoderar-se como amante da vida, consorte da Madona e seu guerreiro.

Então o negro da Madona foi rejeitado pelos padres que se apossaram da devoção nascente em Aparecida. Dizem até hoje que ela “ficou escurinha” por conta do limo do fundo do rio. Uma maneira de escotomizar a verdade que reduz o poder da manifestação espiritual do símbolo. O que aconteceria se os escravos a vissem como uma ‘igual’? As autoridades nunca poderiam entregar nas mãos dos escravos uma santa tão poderosa. Por ignorância, não chegariam a reconhecer o simbolismo profundo da cor preta. Restaram os subterfúgios ditados pelo medo. Um medo que extrapola o poder do feminino e da própria Madona, pois é um pavor da escuridão do próprio inconsciente. Um medo que lateja como um fantasma aterrorizando a noite da sociedade dos nossos dias, um pavor que teima em negar as verdades espirituais universais antigas. É uma rejeição da verdade da psique humana que contém em si mesma o claro e o escuro, a luz e a sombra, o dia e a noite, porque a natureza está dentro assim como fora, abaixo assim como acima. Mas as verdades simples são as mais difíceis de serem reconhecidas e devem ser rerepresentadas uma e outra vez durante a evolução, séculos afora.

Então, por obra de um poder transcendente que se manifesta através das sincronicidades, nasce através de mãos masculinas uma preta santinha mutilada das águas de um rio sujo. Um rio de águas lamacentas, analogia da sombra no inconsciente cultural. Em um momento histórico no qual os escravos estão amontoados como bichos em sujas taperas, quando alguns líderes já formulam alternativas para a mão de obra nos campos e nas usinas, Aparecida vem entre os oprimidos, justamente quando trabalham para fartar a mesa dos donos da terra. Mas naquele momento, os pescadores recebem uma dádiva que desperta a inveja aos poderosos: um figurinha de cerca de 40 cms., mutilada. A cansada rede pesca o corpo e a cabeça em dois lances.

Não tem cálculo estatístico que resolva o enigma, porque se as águas do rio estavam passando, mesmo ali na margem onde podem ser mais lentas, a probabilidade de apanhar a cabeça da santa seria quase zero. Assim, tudo que quisermos falar sobre Aparecida tem de partir desse fato inexplicável que desafia a inteligência e abre para o mistério da singular manifestação da Madona Negra no Brasil.

O nascimento das águas do rio Paraíba, então chamado Itaguaçu, releva o parto vindo do inconsciente brasileiro. Três parteiros indicam um número cabalístico, assim como uma surpreendente atitude “maternal” na psicologia masculina do povo. Sem aprofundar neste último aspecto agora, destaco o rio como símbolo do “rio da vida”, uma imagem antiga, poética, que materializa a

vastidão do inconsciente humano. As águas estão presentes no imaginário humano porque são o local de origem da vida no planeta, e os mamíferos crescem no útero materno dentro do líquido amniótico. Por tais ligações, considera-se que existe um ciclo ternário entre o nascimento, a vida e a morte dos seres da Terra que pertence ao conjunto simbólico do feminino transcendente. Em termos junguianos, esse conjunto é constituído pela associação simbólica entre a água, a lua e a mulher.

Quando Aparecida chegou, a parceria entre homens e mulheres se restringia à procriação, porque não havia trabalho para uma mulher “bem nascida”. Então, a alma de todos era despreparada para parcerias produtivas no emprego, exceto talvez nos campos e lavouras. Com aspecto sujo, roupas pobres e rasgadas, as mulheres do campo não recebiam o devido respeito. Por outro lado, as escravas e as indígenas que permaneciam sendo vistas como sujas, corrompidas, selvagens também não eram valorizadas integralmente. A projeção do lado obscuro da psique sobre as mulheres era inconsciente de modo que ficava muito pouco sob controle. As próprias mulheres avaliavam-se desfavoravelmente. A cor da pele preta e morena era ainda mais depreciada do que hoje, condicionando um preconceito contra o qual a descendência afrobrasileira e indígena precisaram lutar muito, até hoje.

Os maridos não conheciam outra mulher de respeito a não ser a mãe. A própria esposa não seria perfeita apenas quando preenchesse todas as necessidades do seu marido e senhor? A esposa aceitava tudo sem pedir nada em troca, não mostrando sua verdadeira personalidade porque ela também estava indiferenciada psicologicamente. Mantinha-se uma mulher infantilizada, dependente emocional e financeiramente. O símbolo do modelo feminino mais elevado que todos adoravam era a Nossa Senhora retratada nas Igrejas coberta de panos e de pele clara, o símbolo do recato, pureza e da maternal presença. Mas quando João Alves encontra Aparecida, ela vem preta e quebrada. Parece sua alma cabocla atingida pela extrema humilhação que os escravos, índios e descendentes sofriam sem ninguém para recorrer. E aquela santinha quebrada, possivelmente jogada no rio como lixo, transformou-se em matriz da força, fonte de esperança, luz no desespero, uma estrela anunciando dias melhores.

A chegada de Aparecida mutilada no início do século 18 inspira duas interpretações, entre outras possíveis. A primeira leitura simbólica indica que a cabeça deve ser colada ao corpo para que surja o equilíbrio necessário à preservação da vida. A outra versão do alcance psicológico do mito revela a possibilidade de que a mutilação original mostre o caminho de um sacrifício necessário para a evolução da consciência coletiva no país.

O sentido da união entre o corpo e a cabeça

A idéia de que a cabeça e o corpo são opostos tem vasta permanência na cultura ocidental. Falamos do *mens sana in corpore sano* para estimular os

esportes, mas isto não significou uma autêntica integração da corporalidade. Jung propõe que a sincera dedicação ao autoconhecimento leva ao equilíbrio entre a mente e o corpo. Em várias ocasiões, entretanto lamenta que o homem moderno esteja perdendo contato com o instinto que continua tão necessário para a adaptação quanto na antiguidade.

“Houve um tempo em que a consciência racional moderna não estava ainda separada da psique histórica, o inconsciente coletivo. A separação é, em verdade, inevitável, mas ela conduz a uma tal alienação da psique primordial que havia no alvorecer da humanidade que o resultado é a perda do instinto. A conseqüência da atual atrofia do instinto se vê na desorientação das situações humanas cotidianas” (Jung CW 12, Parág. 74)

O caminho do equilíbrio entre instinto e razão, entretanto é cheio de contradições e descobertas surpreendentes. Dizemos às crianças, por exemplo, que pensem antes de fazer qualquer coisa, entretanto não as ajudamos a desenvolver a inteligência emocional que é necessária para criar relacionamentos saudáveis. Menos freqüentemente ainda as ensinamos (até porque não aprendemos) a usar o instinto de maneira a proteger-se dos perigos comuns em casa ou na rua , ou vindos de outras pessoas. Por uma espécie de cômoda simplificação, o instinto é associado às respostas corporais, enquanto a inteligência e a razão são atribuídas à mente, que por sua vez, teria sede na cabeça. Cabeça e mente, por sua vez, são confundidos com ‘consciência’ complicando ainda mais a compreensão de como atingir um verdadeiro equilíbrio psicológico. Assim, as pessoas tendem a confrontar o corpo e a cabeça em uma disputa sem vitória possível, dado que não se poderia viver sem um deles.

A questão de se precisamos controlar ou reprimir o lado irracional no ser humano, por exemplo, fica mais clara quando a psicologia analítica aceita sua presença como parte natural da psique. Sua visão é que temos quatro funções psíquicas; duas racionais (pensamento e sentimento) e duas irracionais (sensação/percepção e intuição). Uma personalidade saudável se manifesta através do desenvolvimento equilibrado das quatro funções, porque todas são necessárias para uma adaptação bem sucedida às condições da sociedade em que a pessoa estiver. O caminho desse desenvolvimento perdura durante toda a vida, direcionado pelo símbolo da totalidade psíquica, que pode ser projetado em Cristo ou em Buda, por exemplo. A totalidade psíquica também costuma ser representada através da mandala ou de um objeto sagrado, enquanto outras vezes é procurada através da identificação com Nossa Senhora.

A procura totalidade humana vista através da perspectiva junguiana fundamenta uma primeira versão simbólica do mito de Aparecida. Através dessa leitura, o gesto de encaixar a cabeça no corpo de Aparecida prenuncia o gesto heróico que cada um de nós precisa realizar para juntar os pedaços da psique. A coragem de tentar equilibrar as sensações corporais com o pensar, os sentimentos com a intuição permitiria que os bens materiais e espirituais fluissem abundantemente como um rio em nossas vidas.

Sem juntar a cabeça e o corpo o ser humano é mutilado, incompleto e incompetente. A fartura e a alegria que são dons da Madona Negra não se manifestam. A alegria se afasta do lar. Os projetos se perdem. A vida se esgota em tentativas infrutíferas. São condições como essas que a maior parte do povo brasileiro ainda enfrenta. Porém, em lugar da fome e da miséria o mito acena com uma promessa de abundância em todos os campos.

É preciso perceber que os contatos adequados com o arquétipo da Madona traz uma abundância que não se limita ao nível do ter. Refere-se a uma transmutação do ser integral. Aparecida carrega a rede de peixes não apenas para matar a fome daquela hora, nem só para levar para a mesa do governador. Ela revela seu poder neste mito para simbolizar uma pescaria dos conteúdos que ficaram jogados nas águas do inconsciente coletivo. Conteúdos velhos, turvos como as águas do rio, idéias preconceituosas e limitadoras que devem ser revistas. O mito narra que a própria santa negra foi jogada como imprestável dentro do inconsciente humano cristão. Lembra que nós fomos educados como se o inconsciente não existisse ou foi visto apenas como fonte de sonhos inúteis e fantasias imprestáveis. Nós convivemos ainda hoje com religiões que não aceitam a totalidade psíquica, bem como com lideranças intelectuais que tentam fundamentar cientificamente que o inconsciente não existe. E aquilo que chamamos “ego” porta-se como único centro da ética, pervertendo, mutilando, violentando a consciência humana porque sua visão é unilateral e limitada ao que a sociedade consegue eleger como “padrão de normalidade”. As descobertas da psicologia profunda obrigam a fazer uma mudança de idéias, trazendo para a ética uma avaliação mais individual e sutil das motivações humanas. O reconhecimento da realidade inconsciente significa um auto-exame e a elaboração dos aspectos sombrios na própria vida, pelo que há pessoas que continuam se comportando como se nada soubessem.

Ora, esse lado desconhecido, negado e reprimido retorna mutilado no mito de Aparecida. Como se faz na interpretação dos sonhos e dos contos de fadas, a seqüência dos fatos representa como se fosse um tipo de causalidade: - a fartura veio depois do achado, “porque” cabeça e corpo estavam juntos. O encontro das partes separadas promove um salto na realidade. Ocorre uma transmutação de consciência, ao menos em João Alves.

A persistência atenta do homem que resgata e cuidadosamente encaixa a cabeça ao corpo simboliza o esforço heróico do processo de individuação. Só então a fartura se manifesta. Os peixes são recolhidos e distribuídos entre as barcas mostrando o repartir como parte da obrigação de quem recebe uma dádiva do arquétipo da Madona. O mito ensina que é preciso um trabalho suado, mantendo a perseverança para não se deixar dominar pela descrença dos amigos e dos outros, que não se abriram para o mistério. A atitude correta mostrada no mito se completa com o sentimento de generosidade. De maneira análoga, durante o processo de procura da totalidade aquele que alcança certo grau de conhecimento deve compartilhar com os demais. Será o movimento em direção à generosidade na hora da distribuição dos dons que revelará se o processo de individuação é verdadeiro.

A iluminação

Os pescadores foram tocados pelo extraordinário, mas no início do mito só um dos três estava aberto ao inesperado encontro com o mistério. Em uma visão simbólica este ponto sugere que se tivermos apenas uma terça parte da consciência atenta, ainda assim há chance de perceber quando somos tocados pelo mistério.

O contato com o inexplicável é sempre um momento decisivo no processo de descobertas em direção à totalidade. Porém, reconhecer que o mistério existe e não pode ser totalmente explicado pela razão abala o orgulho humano. Ferindo a autonomia que pretendemos ter, o incompreensível questiona o alcance da inteligência. O início deste milênio marca a transição para um salto quântico de consciência na direção do contato com energias com as quais aprenderemos a nos comunicar, estabelecendo níveis de intercâmbio jamais imaginados. Ainda há muito a fazer até entendermos que o cérebro não é um computador, nem o núcleo da iluminação transcendente. *“O pensamento jamais pode levar ao auto-conhecimento, embora nós o utilizemos, e com gosto, no caminho do conhecimento”* resume o físico Amit Goswami (2003 p. 167) que exige mais esforço na pesquisa da criatividade, da telepatia e da espiritualidade, como os aspectos mais evidentes da “mente quântica”, em seus termos uma junção das noções de consciente e inconsciente.

Que energias novas são essas que surgem com maior potencial na evolução contemporânea da consciência? Seriam forças presentes no microcosmo assim como no macrocosmo em condições que fogem ao domínio, pelo menos ao modo que entendemos o que seja domínio. O inconsciente, porém, contém forças análogas àquelas que atuam no universo, e todos os que peregrinam no contato com o desconhecido mundo interior já se encontraram com as imagens que se constelam a partir da ativação dos arquétipos. Tais pessoas aprendem a trabalhar com as imagens arquetípicas com a mesma humildade que precisam ter para administrar as reações da sua fisiologia e os eventos climáticos do planeta. Isto é: aprendem a gerir tudo em concordância com as leis inevitáveis da criação que transcendem o controle humano.

Do ponto de vista arquetípico, em verdade é o inconsciente que nos tem e não nós que temos um inconsciente. Em conseqüência há que realizar um auto-sacrifício no avanço para a maturidade, aceitando a existência de poderes além da nossa atual compreensão e domínio. O que implica em aceitar que a mente consciente não pode tudo. Os dias atuais são decisivos para uma abertura da consciência na direção de receber novas informações de mundos desconhecidos até então. A jornada do contato com o inexplicável e o desconhecido atualmente se realiza aceleradamente na dimensão pessoal assim como ao nível da humanidade. As perguntas que fazemos e as emoções despertadas pelo encontro com o inconsciente são análogas àquelas que a humanidade inteira procura responder quando olha para as estrelas. Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou? Somos a primeira geração de humanos que está vendo através das fotos trazidas pelos instrumentos espaciais como é a

explosão de uma estrela, o desenho surpreendente das outras galáxias. Um impacto da dança do universo que assombra e maravilha .

Estamos, talvez nos aproximando de compreender o princípio do “*unus mundus*” contido nas “Tábuas Esmeraldinas”, coletânea de textos clássicos do ocultismo greco-romano que teria sido escrito ou compilado por Hermes, mítico mensageiro entre os deuses e os homens. A filosofia desses textos propunha que tudo o que existe na terra também existe de maneira análoga nos céus. Em termos psicológicos, significa perceber que cada evento exterior se traduz em impressões subjetivas, pois a conexão do indivíduo com o universo é total.

Quando se aplica a idéia do *unus mundus* ao mito de Aparecida compreende-se que a oposição entre o corpo e a cabeça (mencionada anteriormente) pode e deve ser superada. Dentro de tal perspectiva, a dualidade entre sujeito e objeto é uma ilusão. Assim como foi ilusão pensar que a Terra não se movia enquanto o sol e todos os outros corpos celestes circulavam em torno dela, crença vigente no século 16 quando o território brasileiro foi colonizado, também a idéia da oposição entre emoções, sexualidade, materialidade de um lado e espiritualidade, transcendência de outro será substituída pela unicidade.

A cultura planetária está em melhores condições agora para realizar uma ponte entre o subjetivo e o objetivo encontrando o ponto intermediário que harmoniza os pares contrários que tanto confundem a ética coletiva. Significa que podemos avaliar com mais clareza qual é a extensão interior do que nos chega do espaço exterior. E então abrir novas idéias e criar alternativas para alcançar uma relação mais correta com Gaia. Porque é a elaboração contínua e dedicada das imagens dos arquétipos que conduz as pessoas a terem união consigo mesmas e com a natureza circundante. Trata-se de um processo de longo alcance que gera o sentimento de unidade com tudo o que existe, uma experiência do *unus mundus* que já está presente na psique. Mas aguardando para ser melhor compreendida e criativamente aproveitada.

Para a consciência moderna, a experiência do *unus mundus* é preciosa, mas não para gerar o medo dos povos pré-históricos diante dos fenômenos naturais. É uma experiência decisiva para superar a idéia de que a humanidade está contra a natureza, ou de que a natureza está contra a humanidade. A percepção de que *o ser humano é natureza* pode criar um sentimento maduro capaz de gerar o ponto intermediário que está além dos contrários, ou seja, uma visão ampliada na natureza dentro e fora da humanidade. No mito de Aparecida, esse ponto de transcendência é simbolizado pela fé de João Alves.

João Alves personifica no mito aquela parte da psique coletiva brasileira que crê no inexplicável, que assume o mistério da vida, adotando uma postura de atenta observação dos sinais na natureza, dentro de fora de si. Ele é o homem simples que se equivale, por exemplo, com as benzedeadas do centro-oeste que usam orações e ervas para curar, com os “profetas do tempo” que usam os sinais das estrelas, dos pássaros e as nuvens para prever as chuvas no nordeste. Equivale ainda à atuação corajosa das parteiras da floresta amazônica que ajudam a trazer à luz tantas crianças usando sua forte intuição.

A fé também aparece em todos os que saem de suas casas e acreditam que podem mudar, acreditam na vida e em si mesmos. Com ou sem o nome de religião, com rituais para orixás, santos ou espíritos, escutando os encantados ou os sonhos, a fé se propaga por todo o território do país. É a única força tipicamente brasileira que se mantém abundante, apesar de comercialmente consumida em diferentes ocasiões. Entretanto, a falta de educação da inteligência pode tornar a fé uma tolice, descambando em superstição atrasada que prende em vez de libertar. Ter fé no sentido que João Alves manifestou, não é tolice nem falsa pretensão, embora signifique que ele “perdeu a cabeça” para encontrar a iluminação, isto é, para enxergar o milagre. O milagre da tarrafa cheia de peixes poderia ter acontecido sem a participação do João?

João terá sido um homem simples que preservou a sintonia com o mundo natural. Pressentia o inexplicável, arriscava-se no mistério, sondava a generosidade da Natureza em seu aspecto divino. Teria rezado? Podemos apenas imaginar a força do seu apelo interior, ele um pedinte ameaçado da vergonha, e talvez até da punição, porque não cumpriu sua função básica que é simplesmente pescar. E a Natureza respondeu através da manifestação do arquétipo. Uma sincronicidade viva na figura tosca da deusa da matéria, mãe da natureza em sua roupa cristã, portanto de fácil aceitação para um pescador possivelmente já batizado.

Qual é a vantagem de perder a cabeça? O significado de perder a cabeça no contexto da sociedade tecnológica em que estamos é entregar-se a um poder maior que não dominamos através dos computadores. É assumir outra atitude para contatar os universos que nos chegam através das imagens telescópicas. Algo contra o qual não há vitória possível, mas apenas integração, união completa. Entregar o excesso de controle, deixar de usar unicamente a razão para resolver as situações e utilizar o sentimento, a intuição e também as sensações corporais como fontes legítimas de adaptação é um desafio. No caminho para a maturidade as imagens ameaçadoras costumam surgir, revelando o medo do universo interior ainda desconhecido.

Tal como ocorre em nível coletivo, cada indivíduo pode experimentar uma agitação crescente quanto se aproxima da maturidade. A vida de cada pessoa passa uma fase crítica, que chega por volta dos 36 anos, quando é desafiada pelos arquétipos a ir além do que já é conhecido. Chama-se *metanóia* esse período onde se questiona tudo o que foi conquistado até o momento. O desassossego e a ansiedade marcam os dias que antecedem as mudanças que levam a atingir uma sabedoria maior. Mas é preciso aceitar a insatisfação e questionar qual o sentido da vida. A pessoa que entra nesta fase já percorreu a primeira parte da “jornada heróica” e tem um ego forte. Subitamente, porém acontecem crises que estão fora do controle, a pessoa vê-se desarmada para exercer o domínio dos acontecimentos. Então, percebe que é preciso entregar “a cabeça” a um poder maior. É como se a vida a colocasse diante de um abismo. Ou arrisca um salto no desconhecido com o perigo de perder tudo o que já conquistou ou fica paralisado de medo. Quem ficar acomodado também se arrisca, porque a estagnação impede a continuidade do processo de individuação criando sintomas doentios de desequilíbrio psíquico. Estagnar, é como morrer aos poucos, a vitalidade murcha, o gosto pelo

trabalho diminui, chegam os anos da velhice trazendo apenas monotonia e depressão. Inversamente, quem conseguir fechar os olhos da racionalidade e entrar no desconhecido usando a intuição e as percepções corporais como apoio aos sentimentos provavelmente encontrará as imagens dos arquétipos que inspiram, nutrem e fortalecem a alma e o corpo. O processo da aceitação do símbolo gera uma transformação na perspectiva diante do universo interno e externo. Uma transformação que permite continuar trabalhando dentro da sociedade de uma maneira criativa e renovadora.

Aparecida pode ter vindo avisar que a maturidade coletiva no povo brasileiro será alcançada quando sacrificarmos o excessivo mentalismo da contribuição européia e aceitarmos a ternura dos indígenas para com a natureza. Quando entregarmos o excesso de racionalismo europeu que se julgou superior à inteligência instintiva dos indígenas e africanos trazidos como escravos. Em termos do mito, é aceitar a Madona em toda a sua plenitude, gerando ações criativas que integram a sensualidade com a razão, o corpo com a mente, a matéria com o espírito.

O símbolo ajuda a entender que Aparecida está mostrando o caminho de um sacrifício do excesso de confiança na função pensamento para resolver as questões sociais, em detrimento da consideração do valor dos sentimento, da sensação e da intuição. As decisões e projetos que poderão trazer a abundância terão de mostrar equilíbrio entre intuição e pensamento, assim como entre sentimento e sensação. Exemplos da força do sentimento, sensação e intuição na alma brasileira estão na cordialidade com que são celebrados os rituais religiosos com fartura de dança e comida. A sensualidade espontânea está na literatura e na arte que nos caracterizam. E as visões dos intuitivos não cercam as religiões de norte a sul?

No campo profissional, a intuição cria novos impulsos na área da saúde, através de iniciativas inspiradas que propõem modelos onde a medicina se integra com a psicoterapia, o esporte e a arte, traz programações onde as danças grupais, o circo, o teatro e a música se completam para recuperar a alegria e o entusiasmo de viver em jovens marginalizados socialmente. O vínculo entre as diversas formas de arte e as ciências acontece porque Eros irradia com grande energia na psique coletiva brasileira. O princípio de Eros é considerado na psicologia analítica como aquela energia arquetípica que organiza através de associação, cria através do vínculo, destaca as semelhanças em lugar das diferenças. É fundamental nesta hora em que pesquisamos as diferenças sociais e religiosas para construir uma ciência que fundamente a existência das inúmeras formas de religião. Em vez de separar as coisas pela diferenças, como faz o princípio do Logos nas ciências tradicionais, a força de Eros estimula a colaboração que une as pessoas, as idéias e os fatos. Eros rege o arquétipo da Madona Negra, um dos símbolos mais potentes do Feminino ressurgente em todas as épocas.

A abordagem da psicologia analítica nos sugere que é necessário acolher a Madona Negra em toda a sua intensidade simbólica, para que a sensualidade,

o corpo, a matéria, a natureza fora e dentro do ser humano convivam em paz com os dons do espírito, transpondo a aparente dualidade entre mente e corpo. Para alcançar este nível de consciência, porém, é preciso desenvolver a visão do arquétipo do Pai enquanto espírito. O arquétipo do Pai é regido pelo princípio do Logos através do qual se obtém a discriminação e o conhecimento científico tradicional. O exercício do pensamento lógico diferencia os seres, classifica-os e organiza o conhecimento em disciplinas abstratas. A experiência viva do aspecto luminoso do arquétipo do Pai leva uma pessoa a procurar o conhecimento e a aplicá-lo para o próprio bem e dos os que a cercam. O lado sombrio do arquétipo porém leva uma pessoa a desenvolver um espírito pervertido que utiliza a inteligência para promover a si próprio, corromper-se moralmente, e corromper à sua volta. Só através da consciência desenvolvida através *do spiritus rectus*, que significa o intelecto iluminado, é possível alcançar um conhecimento que não fere a ética e respeita o mistério.

Para mudar o panorama destrutivo que ameaça o planeta no início do terceiro milênio estamos à procura de uma síntese entre Logos e Eros, que criaria a oportunidade para uma convivência baseada em valores mais éticos. Buscamos uma síntese que nos renove o alento na jornada individual e que também mude os padrões coletivos. Uma mudança de perspectiva onde os símbolos religiosos desempenham função central, como vê Jung:

“Nesses períodos críticos, o arquétipo da iniciação se ativa fortemente para proporcionar uma transição significativa que ofereça algo mais satisfatório espiritualmente que os rituais da adolescência com seu forte aroma secular. Os modelos arquetípicos de iniciação no sentido religioso – conhecido desde tempos antigos como “mistérios” – se entranham na contextura de todos os rituais eclesiais que requerem uma modalidade especial de adoração no momento do nascimento, no matrimônio ou na morte.” (1969, p. 131)

União entre espírito e matéria

A Madona Negra mutilada simboliza ainda a perda da sabedoria no uso dos sentidos. Em vez da sensibilidade, o apego ao sensual. Em vez de saborear e transcender, convivemos com os costumes que prendem ao gosto excessivo pelo que traz prazer imediato. Gasta-se tanta energia nos carnavais, nos lundus, em feijoadas e churrascadas regadas a bastante cerveja, enquanto falta energia para administrar com inteligência os recursos que precisam ser distribuídos pela grande maioria faminta de comida, de educação, de oportunidade de trabalho. As lideranças não demonstram ter uma verdadeira compreensão do espírito do serviço e legislam movidas pela ganância...

Estamos olhando para uma tragédia nacional em andamento nesses dois séculos mas ainda não abrimos os olhos para enxergá-la. O medo e a ignorância tolhem a inteligência. Uma condição onde é útil considerar a proposta de Carminha Levy, psicóloga brasileira que interpreta os dons da Madona em conexão como o divino Espírito Santo. (2002) Como consorte da Madona Negra, o Espírito equilibra os excessos do arquétipo em seus aspectos destrutivos. Sua proposta reatualiza as idéias primordiais do Feminino que também estão presentes no dogma da Imaculada Conceição. Em

conseqüência , quando um devoto aplica os dons do Espírito Santo em sintonia com os dons da Madona, alcançaria uma maestria importante para impulsionar sua vida na direção da sabedoria. Uma prática de rituais diários de auto-conhecimento conduz ao domínio necessário para transmutar os aspectos sombrios do apego ao prazer sensual, por exemplo, liberando energia para o discernimento, sugere essa autora. A união entre os conteúdos do arquétipo da Madona Negra e do Divino Espírito Santo seria capaz de fazer uma pessoa dominar os recursos internos capazes de transformar a ignorância e o medo em conhecimento espiritualizado, dando-lhe também o poder de desenvolver atividades que gerariam abundância para si mesma e para os outros.

“O Espírito Santo e a Madona Negra realizam, assim, dialeticamente, o equilíbrio dos opostos. Ele cria, ela materializa” sintetiza Levy (2002 p. 61) A busca pelo equilíbrio entre os opostos é um desafio constante que não se resolve de uma vez, mas a cada conquista nesta direção uma pessoa livra-se de uma parte dos dois tipos de medo que costumam estar na origem dos hábitos destrutivos: o medo de morrer e o medo de viver construtivamente.

Contra o medo paralisante a consciência encontra apoio na iniciação através dos mistérios que ainda estão presentes em práticas religiosas. Henderson indica a urgente necessidade de reavaliar os mitos antigos que reaparecem em práticas religiosas contemporâneas e exemplifica com a elevação do cálice na missa católica. A elevação do cálice e da hóstia preparam a espiritualização do vinho e do pão que se confirmam com a invocação do Espírito Santo, *“porque é o Espírito Santo que engendra, cumpre e transforma” a matéria.* (Henderson,1969 p.142)

O lema maçônico que foi escolhido para a bandeira brasileira (Ordem e Progresso) acena para o privilégio do intelecto, possivelmente como uma esperança de que a nação se desenvolvesse através do *espíritus rectus*. Talvez ainda não construimos uma verdadeira apreciação do vigor da natureza privilegiada do território brasileiro por falta de uma correta invocação do Espírito Santo. Além disso, falta-nos a avaliação e a administração correta dos recursos do próprio corpo. Uma condição que leva ao enfraquecimento da vontade, pobre domínio do pensamento, relaxamento da ética, além do que ainda obstrue o processo coletivo de individuação que atravessamos.

A condição cultural desequilibrada poderá ser transformada através de iniciativas amplas que extrapolem os muros universitários e atinjam o grande público carente de informações verdadeiras. Iniciativas que tenham o objetivo de esclarecer, por exemplo, o significado do mito de Aparecida.

Síntese

A psicologia analítica considera que a Madona negra é um arquétipo que tem se manifestado em inúmeras culturas há milênios. A pesquisa das atuais manifestações do arquétipo da M.N. destaca o simbolismo do motivo central do arquétipo, bem como as variantes que estão presentes na manifestação moderna. A pesquisa revela que prevalece uma tendência comum em todos os cultos contemporâneos que consiste em ignorar, despistar e mesmo negar a

negritude dessas madonas. Se é verdade que uma boa proporção das madonas miraculosas no mundo são pretas, por que esse fenômeno é negado?

Consideramos que o mito de Aparecida corresponde a um conteúdo fundamental do núcleo da identidade coletiva do Brasil. Nossa Senhora Aparecida é a Madona Negra manifestada no século 18, em outubro de 1717, segundo fontes eclesiais. O contexto simbólico pesquisado neste ensaio inclui a cor, o fato de ter nascido das águas, e sua origem mutilada.

A cor preta está associada com:

- Noite, mistério do infinito;
- A matéria prima do mundo, lava vulcânica, fundo dos oceanos;
- A matéria nigris, primeiro estágio do opus alquímico;
- Energia telúrica, associada à Terra, Gaia enquanto matriz;
- Caverna, útero, origem;
- Ventre da terra, dissolução, ponto final e morte.

As águas do rio podem simbolizar:

- O inconsciente;
- Local de origem da vida; líquido amniótico;
- O rio da vida;
- Fluxo contínuo de energias inconscientes
- Pertence ao conjunto simbólico do feminino transcendente (água-lua-mulher)

A mutilação está representada pela separação entre cabeça e corpo indicando um estado de incompletude, fragilidade, sofrimento, inadequação, rompimento, quebra da hegemonia ideal do ser humano. Indica também o caminho de restauração da integridade através de duas interpretações:

A) Juntar cabeça e corpo para obter :

- Saúde, equilíbrio, integridade física, emocional, mental e espiritual
- Sustentabilidade
- Abundância.

B) Entregar a cabeça para alcançar:

- Contato entre a consciência e os conteúdos inconscientes.
- Encontro com o mistério, o indizível, o inexplicável, o simbólico.
- Aceitação do poder transcendente dentro e fora de si mesmo.
- Percepção da interconexão entre tudo o que existe.
- Sentimento de solidariedade para com os outros.
- Compaixão para com todos inclusive os seres-não-humanos.
- Aceitação incondicional de si mesmo
- Iluminação.

A abordagem arquetípica indica a existência de uma redução no alcance da manifestação do arquétipo da Madona Negra no país, ela que é o símbolo

da abundância e da prosperidade. A limitada percepção coletiva do mito empobrece os projetos de sustentabilidade neste território, bem como obstaculiza a realização dos ideais nacionais de abundância e bem estar para todos.

A análise feita neste ensaio aponta ainda que o resgate do mito interessa a toda a população, independente de diferenças étnicas, de religião, educação, riqueza e posição social.

O estado de pobreza na compreensão do mito aponta para o perfil infantilizado de boa parte da população. O nível de elaboração que as pessoas têm do mito é insuficiente para construir uma integração substancial entre corpo e cabeça, contribuindo para gerar:

- Incompetência da liderança administrativa para criar projetos à altura da biodiversidade do território nacional,
- Conflitos violentos entre as classes sociais causados pela miséria
- Grave desorientação na nossa juventude.
- Perda do significado da vida.
- Atração por tentativas de controle dos conflitos que são destrutivas (drogas, suicídio, assassinatos, corrupção, perversidades ideológicas)

A intensidade da revelação no mito de Aparecida precisa de mais pesquisas voltadas para o valor dos símbolos na psique nacional do que de igrejas luxuosas. A sabedoria do mito da Madona de Aparecida exige mais do que construir santuários, implica em interiorizar o mito na própria vida. Ela pede o compromisso com a reconciliação da sensualidade com a razão, do prazer com a virtude, o que produz conseqüências em nível individual e coletivo.

Em nível do indivíduo:

- Restauração do vínculo entre matéria e espírito que já existe no inconsciente primordial do ser humano;
- Capacidade para organizar-se frente aos objetivos pelos quais realmente vale a pena viver.

Em nível da população a integração da sabedoria do mito de Aparecida leva a implementar objetivos tais como:

- Disciplina do pensamento e do corpo, pesquisas educacionais, responsabilidade social das empresas, entre outras iniciativas.
- Um conjunto de atitudes mais amadurecidas que se integraria com a tendência à cordialidade embebida em intensa alegria de viver que parecem caracterizar a psique popular.

Os versos da canção *Louva-a-Deus* de Milton Nascimento e Fernando Brandt sugerem que a arte é uma excelente linguagem para realizar-se a iniciação no mistério da comunhão entre a Madona Negra e o Espírito Santo, e entusiasma a cantar com eles:

“Senhora Dona eu lhe dou meu coração, Fazei de mim o seu altar, seu louva-a-deus, Nasci para ser o seu escravo-guia, sonhei a estrada que me traz o dia, Senhora deusa da paixão! Quero o ventre e o pensamento, quero o vinho, quero o pão, quero o leite, quero a mesa, quero a casa e a oração... Senhora Dona da Paixão!”

(Milton Nascimento e Fernando Brandt)

Referências:

BEGG, Ean (1985) *The cult of the Black Virgin*, London: Arkana.

DURAND-LEFÈBVRE, M., (1937) Étude sur l'origine des Vierges Noires, Paris. *Apud* BEGG, E. (1985)

GUSTAFSON, F.R. (1973) The Black Madonna of Einsiedeln: a psychological perspective, Diploma thesis, C.G.Jung Institute, Zürich *Apud* BEGG, E. (1985).

GOSWAMI, Amit (2003) *A janela visionária*, São Paulo: Pensamento/Cultrix.

JACOBI, J. (1986) *Complexo, arquétipo e símbolo*. São Paulo: Cultrix.

JUNG, C.G. (1968) *Psychology and Alchemy* C.W. 12 Princeton, N.J.: Princeton University Press.

JUNG, C.G. (1969) *El hombre y sus simbolos* Madrid: Aguilar

JUNG, C.G. (1968) The archetypes and the collective unconscious. 2nd.ed. CW 9/1. Princeton, N.J.:Princeton University Press.

LEVY, Carminha (2002) *Xamanismo matricial : as cartas sagradas da Madona Negra e do Divino Espírito Santo*, São Paulo: Outras Palavras.

NEUMANN, Erich (2000) *O medo do feminino* São Paulo: Paulus.

PENNA, Lucy C. (1993) *Dance e recrie o mundo* São Paulo: Summus.

PENNA, Lucy C. (1996) Divindades femininas do Brasil, *Hermes* São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, p. 66-94.